

A EXPRESSÃO DA CULTURA CAMPONESA NOS ASSENTAMENTOS

Rosa Maria Vieira Medeiros

Senira Beledelli

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS

Av. Juca Batista, 1200 casa 43 Porto Alegre/RS/Brasil CEP 91770-000

rmvmedeiros@yahoo.com.br

senirabe@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é identificar as diferentes formas de expressão da cultura camponesa no espaço dos Assentamentos de Reforma Agrária. Considerando que as famílias ao serem assentadas passam por um processo de (re)conhecimento desta nova área de terra onde vão (re)construir o seu novo território, ou seja, o Assentamento. Este processo desencadeia conflitos internos pois contrapõe tudo o que já conheciam, que foi acumulado ao longo de sua vida, que representa suas raízes, sua história com o que se apresenta neste lugar. O lugar, chamado de Assentamento, se localiza em uma região cujas características físicas lhes é desconhecida assim como o seu potencial produtivo, a cultura local, o modo de vida. Esta realidade coloca em choque a sua cultura uma vez que este é o momento em que precisam adquirir novos conhecimentos não só sobre a região como também sobre as famílias instaladas neste Assentamento. Os desafios surgem num espaço que precisa ser organizado para permitir a sobrevivência dessas famílias. A realização da pesquisa de campo possibilitou o reconhecimento da área (localização e área do assentamento, nº de famílias, tipo de produção desenvolvida, destino da produção, etc), a realização de entrevistas para identificação das famílias (quem são, de onde vem, origem étnica, relações sociais, política, econômica, familiar). O embasamento teórico para a compreensão dessas questões se fundamenta nos conceitos de território,

territorialidade, identidade, cultura. Os costumes das famílias, expressão da sua cultura marcadas na paisagem, entram em contradição com a política de organização dos assentamentos proposta pelo MST. A família camponesa em seu lote deixa aflorar sua cultura que se expressa na sua prática, na sua relação com o mercado, no seu engajamento ou não ao trabalho coletivo, no seu cotidiano a partir do que é importante para as suas vidas, nos seus costumes, nas suas tradições. São expressões culturais da vida no assentamento.

Palavras-chave: *território, identidade, cultura, assentamento, camponeses.*

A EXPRESSÃO DA CULTURA CAMPONESA NOS ASSENTAMENTOS

Rosa Maria Vieira Medeiros

Senira Beledelli

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS

Av. Juca Batista, 1200 casa 43 Porto Alegre/RS/Brasil CEP 91770-000

rmvmedeiros@yahoo.com.br

senirabe@yahoo.com.br

Ao longo da história os diferentes grupos sociais criam entre si ligações que vão se constituir como base para a construção de sua identidade, de seu território. Nos assentamentos os camponeses assentados ao construírem uma nova concepção de espaço estarão construindo sua identidade. Para Castells ,

“A construção da identidade vale-se da matéria-prima e esta é processada pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço”. (Castells 1999, p.23).

Em alguns casos, nos assentamentos há a construção de uma identidade coletiva com objetivos específicos cuja concretude se expressa através da organização da produção, das relações de trabalho, do convívio comunitário.

Nos assentamentos, os camponeses assentados são oriundos de diferentes categorias sociais, ou seja, podem ser desde filhos de pequenos proprietários rurais, até pequenos proprietários rurais ou ainda arrendatários, parceiros, moradores agregados, assalariados permanentes e temporários. São, pois estas categorias geradoras de hábitos e costumes distintos, reflexos do seu anterior contexto

econômico, político, social e familiar. Serão assentados que expressarão de forma distinta sua relação com terra.

A construção da identidade nos assentamentos se fundará nesta diversidade de sujeitos e de culturas. É desta forma que os assentados constroem e organizam o espaço do assentamento.

Claval (2001), enfatiza que a cultura exerce uma forte influência na constituição do espaço. As relações que os indivíduos estabelecem com o espaço demarcam seus lugares, suas culturas. Portanto este espaço demarcado é apropriado e qualificado através das marcas deixadas pela cultura.

A delimitação do território pelos camponeses se dá pouco a pouco através da produção, da apropriação dos lotes, da construção de suas casas, da nova configuração deste espaço. O tempo e o espaço no qual se inserem estes sujeitos possibilitam assim novas oportunidades para que cada um possa colocar seus costumes, suas características para então construir sua própria identidade.

Claval, 2001, considera que,

“A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é, portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos”. (Claval, 2001, p.63).

A cultura é, pois, a representação material e espiritual da existência; é a conscientização a cerca dos objetivos que poderão vir a ser alcançados pelas gerações futuras.

Nos assentamentos o camponês expressa esta dimensão cultural, através do forte sentimento de posse da terra e da forma como irá trabalhar e organizar o seu lote. Para desenvolver seu trabalho no assentamento o camponês busca os conhecimentos que foram herdados e acumulados ao longo de sua vida, sem no entanto, deixar de

incorporar o novo que resulta da sua inserção neste espaço totalmente desconhecido. É um grande desafio, tudo é diferente, tudo é novo, tudo é desconhecido. É um novo aprendizado, um olhar distinto para o espaço do seu mais novo território na busca daquilo que ele poderá lhe oferecer em termos de alimentos, de lazer, de comercialização da produção, de inserção política no município, de convívio com a comunidade.

Ao trabalhar a terra o camponês de uma certa forma resgata sua cultura, embora o espaço seja outro com outras características físicas.

“A cultura é feita de atitudes e de gestos. Ela comporta as técnicas do corpo: (...) No campo e na fazenda, convém saber como e quando laborar, esterrear, semear, tirar a erva, colher, e aprender onde guardar os animais, o que lhes dar para comer, como os ordenhar e os atrelar. (...) Os gestos que se repetem indefinidamente sem jamais terem sido questionados terminam efetuados maquinalmente. A vida cotidiana é assim toda penetrada de automatismos: não há necessidade de parar para refletir, o que convém fazer é conhecido; a situação pode ser avaliada num golpe de olhos”. (Claval, 2001, p.80).

Esta dimensão da cultura, trazida pelos camponeses, expressa no fazer é inerente a sua existência. Os camponeses quando chegam ao assentamento num primeiro momento plantam para subsistência e constroem suas casas para somente depois pensarem no todo, ou seja, nas relações necessárias para a viabilização do assentamento.

É na organização territorial do espaço do assentamento que o camponês irá somar as novas técnicas às práticas transmitidas por herança. A incorporação de elementos novos pode substituir ou complementar os já existentes.

O conhecimento deve se fazer presente em todas as situações a serem enfrentadas pelos camponeses, tanto no sentido de resolver dificuldades cotidianas, quanto na busca do bem estar do ser humano e da comunidade a que pertence.

Pode ocorrer para a maioria dos assentados um choque cultural entre a sua história de vida, suas experiências e a nova proposta de organização do assentamento em lotes organizados de forma coletiva ou associativa de trabalho. Isto porque a grande maioria traz como experiência a forma individualizada de trabalho. Neste caso deverá haver um processo de aprendizado buscando conhecimentos técnicos e teóricos, a partir de experiências de grupos ou de organizações que já experimentaram formas coletivas ou associativas de trabalho e de convivência.

Na medida que se desenrola a organização do assentamento e os desafios se apresentam, os camponeses assentados se tornarão conscientes da realidade para assim construir um novo espaço. É uma nova construção cultural que se apresenta e que aos poucos estruturará esta identidade coletiva, que se vinculará ao lugar e ao espaço em movimento, e ao que existir nele.

No caso de um assentamento, o criar deste novo espaço perpassa a construção de sua identidade quando a maioria das pessoas que moram neste local se identifica, por exemplo, com a organização política que advem do movimento. Assim, passando a compreender como funciona a estrutura da organização sócio-política, suas atitudes irão revelar o sentido da vida do dado pelo próprio movimento.

É possível identificar quando o coletivo cria uma única estratégia de organização da produção do assentamento, viabilizando-a para cada família, pensando inclusive em como a renda será distribuída. Cria-se então condições para que a coletividade partilhe desejos e desafios, numa cumplicidade dentro do grupo que remete a identificação com algo que lhes é comum. Haesbaert. Coloca que,

“Identificar, no âmbito humano-social, é sempre identificar-se, um processo reflexivo, portanto, e identificar-se é sempre um processo de identificar-se com, ou seja, é sempre um processo relacional, dialógico, inserido numa relação social. Além disso,

como não encaramos a identidade como algo dado, definido de forma clara, mas como um movimento, trata-se sempre de uma identificação em curso, e por estar sempre em processo/relação ela nunca é uma, mas múltipla”. (Haesbaert, 1999, p.175).

Este movimento em curso ocorre nesta identificação dos sujeitos com suas próprias origens, no grupo onde estão inseridos e onde estão aqueles que lhes parecem iguais. É o momento da construção de uma nova identidade relacionada diretamente a este coletivo. É a identificação simbólica com suas raízes culturais, e com o concreto a partir das novas relações com o coletivo.

As raízes culturais afloram nos grupos de famílias assentadas quando surge a necessidade de estarem juntas umas das outras. Na organização do espaço do assentamento, estão ali os que possuem esta identificação que pouco a pouco vai refletir-se no espaço através das novas propostas trazidas para o conjunto do assentamento.

O simbólico é forte. Sua manifestação acontece desde a forma de sentar na roda de chimarrão, o ritual de seu preparo chegando inclusive na maneira de preparar as refeições. Outra expressão da cultura se revela na manutenção de uma horta individual embora haja uma coletiva para o assentamento. O que isto significa? Significa que embora as famílias tenham acesso a tudo o que é produzido no coletivo há uma necessidade muito forte de produzirem e de consumirem aquilo que consideram como seu individualmente.

No que se refere à identidade com o território onde estão inseridos estes sujeitos, segundo Haesbaert (1999), é a identidade socioterritorial que é construída a partir de seus símbolos e esta representação simbólica ou concreta muitas vezes ultrapassa a dimensão do território.

Pode se considerar que para os assentados, a construção de sua identidade territorial se configura a partir da luta intensa pela terra que ora ocupa. Esta terra é simbólica, é a concretude do seu sonho, é a expressão de seus desejos pessoais e/ou coletivos.

O assentamento enquanto espaço concreto socioterritorial é pois a perspectiva e a esperança de incluir aquele que foi excluído pela sociedade e de todo e qualquer processo produtivo.

A construção de um novo espaço traz consigo a história de vida de cada um não só dentro do contexto histórico mas também a partir do seu imaginário social. A reconstrução de sua identidade com o novo território será marcada por suas referências anteriores complementadas pela troca de conhecimentos e de vivências cotidianas e também em alguns casos pela mudança que se faz necessária em relação à postura individual de cada sujeito para que se construa uma identidade coletiva atendendo a proposta implantada no assentamento.

O processo de transformação do sonho em realidade, ou seja, da conquista da terra em um assentamento produtivo, tem, portanto, como consequência a construção de um novo território.

Neste território a organização da produção é a expressão da história de vida de cada um, evidenciada na forma de cultivar a terra e na escolha do que produzir, apesar das novas tecnologias, das novas necessidades do mercado como bem expressa Claval quando afirma que,

“As configurações culturais não ficam congeladas. Há momentos em que os valores até então aceitos são criticados, porque não correspondem mais aos imperativos da vida econômica ou às necessidades da vida de relações. As técnicas mudaram. Os valores tradicionais convinham bem a um universo rural, onde a vida local predominava. Para estruturar as sociedades ampliadas, fazem-se necessárias outras motivações”. (Claval, 2001, p.183 , 184.).

Neste sentido faz-se necessário ter a compreensão de que os assentados são originários de diferentes lugares, com composição étnicas distintas e que agora se percebem reunidos num mesmo lugar diferente de seu lugar de origem, convivendo

com pessoas quase que desconhecidas, sem qualquer estrutura econômica portanto necessitando somar conhecimentos, experiências, cultura para dar início ao preparo da terra para dela retirar sua alimentação. Estes sujeitos tendem a fazer aquilo que já conhecem e é inevitável o confronto com o novo espaço físico, desconhecido para a maioria. Este é o momento em que se dá início a uma nova relação para a organização deste espaço geográfico do assentamento. A experiência vivida anteriormente prevalece sobre a razão e só a certeza do erro é que permitirá a busca de novas alternativas de produção muito embora para alguns sempre reste a esperança de voltar a fazer o que faziam antes de serem assentados. Para muitos deles, embora reconheçam a necessidade da mudança, fica um estranho sentimento de perda uma vez que para eles foram gerações e gerações a produzirem certos cultivos que agora não é mais possível.

“Tem gente que ainda não se acostumou e quer voltar a morar lá na sua região, quem sabe até um dia as pessoas podem voltar, ninguém obriga ninguém”.(Assentamento Trinta de Maio – COOPAC)

A idéia do coletivo é aceita num primeiro momento como sendo a alternativa viável para começar, para dar início, como forma de fortalecimento do assentamento mas a medida em que tempo passa afloram as antigas formas e colocam em cheque a nova proposta implantada até então. Entre prós e contras o antigo vem à tona como bem mostra o depoimento deste assentado:

“Lá fora nos produzíamos como agricultor, mas cada um tinha o seu lote. E quando nos entramos aqui, a discussão dentro do movimento era de fazer uma produção coletiva e ai tenta. E ai fica uns sete anos trabalhando. Na verdade a proposta de trabalho é boa, a estratégia que tem este trabalho que nos começamos aqui no assentamento Trinta de Maio é boa, mas eu não sei se foi por que nos fomos acostumados de uma outra forma, em um outro tipo de trabalho que chegou um ponto que

nos saímos por fora e viemos pro sonho original que era trabalhar no nosso lote, fazer do nosso jeito. Sem um trabalho totalmente coletivo, que nem aqui que temos várias coisas em que trabalhamos juntos, temos a associação onde há a cooperação, um ajudando o outro, mas cada um faz a partir de seu planejamento familiar. Mas certo ou errado, tá mais ou menos como nos havíamos planejado quando nos entramos na organização”. (Assentamento Trinta de Maio – Associação 15 de Abril).

Há aqui uma retomada de antigos valores em relação à organização da produção onde se percebe a ajuda aos vizinhos da mesma forma como acontecia em suas comunidades de origem. Esta relação de vizinhança tem um significado muito importante para estes camponeses.

Há um respeito pela cultura do outro e uma forte valorização da sua própria cultura expressa através da dificuldade de viver em outro lugar muito diferente daquele de sua origem..

A diferença, muitas vezes, é um elemento que provoca divergências. Esta diferença vai implicar, por exemplo, em formas diferentes para a aplicação dos recursos, em formas diferentes para a organização e destino da produção. Outro elemento importante, tanto no Assentamento Trinta de Maio quanto do Assentamento Dezenove de Setembro, é a presença de camponeses que já haviam trabalhado com máquinas de grande porte, alguns como trabalhadores empregados. Esta experiência foi transplantada para dentro do assentamento. No início do processo, isso gerou divergências de pensamentos tanto para a aplicação dos recursos, como para a organização da produção. Há uma dificuldade que se manifesta principalmente na hora de tomar decisões, que sem dúvida traçarão os novos caminhos do assentamento. Este assentado expressa muito bem esta dificuldade, estas divergências:

“Nos, pessoal eram uns do lugar outros do outro era tudo espalhado e aí viemos para cá, a única forma de ser assentado era a cooperativa porque o governo exigiu, uma idéia de trabalhar, só que

quando nos fomos para prática o troço complicou, porque nós o que nos administremos com a cooperativa que nasce não tinha nada, só tinha mato um banhado e pernilongo nos tinha um monte de criança e coisa junto que veio do acampamento o que nós fizemos o pessoal saía para trabalhar e o dinheiro era colocado no coletivo, era comprada alimentação no coletivo, tudo coletivo, a prioridade era das crianças e depois se sobrasse comida todos comia e quando nos chegemos aqui até pesca era coletiva pessoal saía pescado ou achava tatu que achasse ia para a cozinha alia e repartindo tudo e sempre a prioridade era as crianças, quando que a coisa vai bem e fácil de lucrar. Mas o pessoal ta um ano em cima da terra olhavam pra trás e tava morando no barraco, ai o pessoal começa a se perguntar era pouco valeu a pena, então como é sobra ao problemas da cooperativa ai nós com conseguí-lo com ficassem trabalhando um ano na e aí começou a vim problemas, um pessoal tinha um jeito de ir trabalhar, outros tinha outra, depois tinha pessoas que trabalhavam na lavoura mas sempre de empregados de outro de Granjeiro, ai pra ti ver no primeiro financiamento que nós peguemos foi comprado um trator, um Grande, que até para granja era grande então foi investido muito mal, ai ouve um descontentamento que o pessoal queria é a vaca de leite, foram voto vencido lá ficaram descontentes e aí o pessoal já como não entrava dinheiro então porque vou trabalhar pessoas não estavam mais dono do troço e aí saiu um grupo de 6 famílias da cooperativa.(Assentamento Dezenove de Setembro).

As diferenças estão imbricadas nas suas raízes, nas suas histórias de vida e se sobrepõe ao não conhecimento do lugar onde passaram a viver. Para Claval, 2001, é preciso conhecer as relações que a natureza nos coloca diante do ambiente em que vivemos.

“O ambiente só tem existência social através da maneira como os grupos humanos o concebem, analisam e percebem suas possibilidades, e através das técnicas que permitem explorá-lo: a mediação tecnológica é essencial nas relações dos grupos humanos com o mundo que os rodeia”. (Claval, 2001, p.219).

A carência de um acompanhamento técnico fica evidente assim como a necessidade de uma infra-estrutura mínima para o começar de novo destes assentados.

As dificuldades são detectadas e há uma revelação de idéias de como seria conduzida a produção se fosse considerada a experiência anterior vivenciada por estes camponeses. Iniciara a produção e a organização de forma coletiva com a idéia de produzir em larga escala nem sempre vem ao encontro do sonho destes assentados cuja base esta fortemente enraizada em sua cultura. Por esta razão alguns camponeses colocam que a importância de conhecerem a área do assentamento antes da instalação definitiva para que assim pudessem não só pensar no potencial produtivo desta terra como também terem mais clareza na decisão de escolha da área a serem assentados. Seria uma das formas de evitar dificuldades de adaptação permitindo mais rapidamente resultados positivos de produção.

“O universo onde vivem os homens, os ecúmenos, é um espaço transformado para responder às necessidades materiais dos grupos e permitir seu funcionamento. Implica a valorização dos recursos e das qualidades próprias dos lugares (...), e a consideração dos condicionantes e dos riscos. Isto necessita conhecimentos, técnicas materiais e a definição de formas adequadas de divisão e de apropriação do espaço”. (Claval, 2001 p. 220).

Os primeiros anos, segundo o depoimento dos assentados, foram de grande dificuldade, porque esta terra do assentamento teria que ser preparada para a produção do arroz. “O início foi muito difícil não conseguia me acostumar a plantar estas coisas”. (Assentamento trinta de Maio).

“Aqui não tinha nada era capim e eucalipto né, mas você sabe passava fome e choravam chorava tipo bicho e não tinha água e a gente ia pegar na Vila e eles não davam água às vezes, e aí a gente juntava e usava da valeta e nós não conhecia essa água; essa água é tóxica e nós não sabia. A gente lavava roupa na valeta de água, tomava banho e também fazia comida. As coisas que a gente fazia com a água ficava tudo preto e duro. As crianças tomavam banho e aí pegava até ferida, foi muito ruim tudo no início”. (Assentamento Dezenove de Setembro)

O desafio foi aprender uma nova forma para a produção, em escala maior, para a comercialização, cujo benefício seria a manutenção das famílias. É neste contexto que surge o aprendizado para desenvolver uma agricultura agroecológica, resultado da mistura do conhecimento novo, com o conhecimento já acumulado, ou seja, produzir em maior escala para o mercado sem o uso de produtos químicos.

Para Claval, 2001, a cultura está nos gestos, nas atitudes, no fazer da sua vida aquilo que as gerações passadas fizeram, mesmo que sejam acrescidas de incorporados novos significados. (...)A identidade de uma cultura pode assim sobreviver às ameaças do tempo.

Esta identidade cultural que perpassa gerações e que embora tenha recebido influências deste mundo capitalista se expressa na cultura camponesa cujos valores sobrevivem às ameaças do tempo.

A necessidade de fazer algo em seu pedaço de terra parece vir de muitos anos, pois é a forma como o camponês sente-se enraizado.

*“Eu achei diferente e não me acostumei com a idéia que foi que nos tive aqui com a idéia de fazer tudo coletivo eu não tenho aquilo assim né, tudo era hora marcada e tu tinha que come tu tinha que pegar e anotar tudo né eu já tava acostumando com a idéia porque tu sempre trabalhou de outro jeito né daí a gente veio pra cá e era assim né e não me acostumei não e ficamos sete anos ali né saindo dali, pegamos nosso lote daí né. (...) Na da horta o jeito era assim mesmo é a região né ,só que mais é assim é o negócio que não da pra criar os bichinho as nossas galinha tem que ser tudo em grupo né daí é ruim pra todo mundo”.
(Assentamento Trinta de Maio - Associação 15 de abril).*

Esta forma coletiva de organização da produção se contrapõe à cultura desses camponeses e se transforma num grande desafio quando da sua implantação nos assentamentos. Esta tentativa de redesenhar o espaço dos assentamentos deveria ser feita numa dimensão de respeito à cultura de origem desses camponeses, pois só assim estariam preparados para enfrentar a realidade do assentamento.

É importante ressaltar que há uma racionalidade que já está sendo desenvolvida nos assentamentos através das instalações de agroindústrias que são pensadas a partir da estrutura das cidades, da divisão técnica do trabalho, de uma sociedade industrializada. É também marcante em alguns assentamentos a influência da vida urbana muito embora o ser camponês seja marcante na convivência entre as pessoas, na solidariedade, na expressão oral e corporal. Quem vive no campo conserva traços típicos deste meio; o tempo de vida na cidade pode é amenizar estes traços mas não conseguirá apagá-los.

O grande desafio, portanto é a construção de uma nova territorialidade nos assentamentos de Reforma Agrária para estes camponeses excluídos de sua terra de origem, enraizados na sua cultura mas abertos a inovações buscando a realização de seus sonhos.

BIBLIOGRAFIA

Carvalho, Horácio Martins de. 1999. A interação Social e as possibilidades de coesão e de identidade sociais no cotidiano da vida social dos trabalhadores rurais nas áreas oficiais de reforma agrária no Brasil. Curitiba, MPF.

Castells, Manuel. 1999. O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra.

Claval, Paul. A. 2001. Geografia Cultural. Florianópolis: Ed. da UFSC.

Fernandes, Bernardo Mançano. 1996. MST formação e territorialização. São Paulo: Hucitec.

_____. 2000. A formação do MST no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes.

_____. 2001. Questão Agrária, Pesquisa e MST. São Paulo: Cortez.

Giddens, Anthony. 2002. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

Haesbaert, Rogério. 1997. Des-territorialização e Identidade. Niterói: Editoria da UFF.

_____. 2002. Territórios Alternativos. São Paulo: Contexto.

_____. 2004. O Mito da Desterritorialização. Do “Fim dos Territórios” a Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Medeiros, Rosa Maria Vieira. 2004. O Rio Grande do Sul e a busca pela Reforma Agrária. In Verdum, R., Suertegaray, D., Basso, L.A. Rio Grande do Sul, Paisagens e Territórios em Transformação). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Morin, Edgar. 2001. O Método. 4. As idéias, Habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Editora Sulina,.

Morissawa, Mitsue. A História da Luta pela Terra e o MST. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MST. Agenda MST 2004, 20 anos. Secretaria Nacional – São Paulo –SP.

MST. 1998. Enfrentar os desafios da organização nos assentamentos. Caderno de Cooperação Agrícola 7. São Paulo: CONCRAB .

Oliveira, Ariovaldo Umbelino de. 1991. A agricultura camponesa no Brasil. São Paulo: Contexto.

_____. 1996. A geografia das lutas no campo. São Paulo: Contexto.

Queiroz, Maria Isaura P. 1978. Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana: ensaios. Rio de Janeiro. LTC/USP .

Raffestin, Claude. 1993. Por uma geografia do Poder. São Paulo: Ática.

Rosendahl, Zeny e Corrêa, Roberto Lobato 1999. (organizadores). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro, Ed. UERJ.

_____. 2000. Geografia Cultural: Um Século (1). Rio de Janeiro, Ed. UERJ,

_____. 2002. Geografia Cultural: Um Século (3). Rio de Janeiro, Ed. UERJ.

_____. 2003. Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Santos, Milton. 2002. A natureza do espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo, ed. USP.

_____. 2001. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, Rio de Janeiro.

_____. 2002. Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record.

Silva, Lígia Osório. 1996. Terras Devolutas e Latifúndio, Efeitos da lei de 1850. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

